

ESTUDOS CANIBAIS: PARA ALÉM DA IDENTIFICAÇÃO EM LACAN

ANDREW OLIVEIRA DE OLIVEIRA¹; RICARDO AZEVEDO DA SILVA²

¹Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) – andrew.oliveira@sou.ucpel.edu.br

²Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) – ricardo.silva@ucpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época.

Jacques Lacan (1998, p.321)

Estão os atuais estudiosos da psicanálise fazendo uma anatomia dos conceitos por eles empregados, ou apenas reproduzindo aquilo que foi categoricamente desenvolvido no tempo em que foram escritos? A racionalidade de uma época é determinante para o delineamento de novas ideias, ou mesmo para revisar os termos com os quais estamos negociando. Interpretar o nosso tempo sem cogitar as inscrições ideológicas em que estamos implicados é viver uma temporalidade sem contabilizar a emergência do sujeito à nossa frente.

Os processos identificatórios são capazes de realizar a correspondência que existe entre corpo e sujeito; também pelo percurso de concepção de uma identidade, inclinando o sujeito à manifestações identitárias através do contexto pelo qual é interpelado. Para Lacan (2003), o significante é o suporte do sujeito, representando-o, sem esse não há como se conceber uma identidade, pois ela se dá a nível de uma identificação significante junto de uma carga afetiva. Isso não quer dizer que sujeito e identidade sejam correspondentes, muito pelo contrário, a identidade surge para o sujeito como um horizonte possível a partir do significante. Ao ser incluído no registro simbólico, o campo da linguagem, o ser na infância começa a manusear a língua e as palavras de um dado encadeamento, isso o faz pleitear significantes para conceber uma identidade. Esses termos são oriundos do Grande Outro — a alteridade, o tesouro dos significantes —, fazendo o sujeito se alienar cada vez mais a esse dispositivo onipotente e onipresente que tangencia nossas vidas (LACAN, 2008).

A identificação significante é o movimento inconsciente que o sujeito faz de se apropriar dos termos oriundos do seu meio. Lacan (2003) irá apontar que o sujeito se identifica com os significantes que irão constituir a sua identidade, abrindo mão daqueles que não farão o mesmo. Essa lógica parece insuficiente para explicar algumas subjetividades alienadas às formas de se expressar e de performar que vão contra aquilo que há de mais distinto em um âmago, a dizer: a identidade. Se esta está aberta ao encadeamento afetivo para identificar-se, não apenas os objetos de amor, como é pensado por Lacan, seriam passíveis de identificação, mas também aqueles que causam repulsa, ódio, vergonha, constrangimento e estranhamento, visto que se fazer ser representado por uma identidade é também uma tática de sobrevivência ou resistência diante de certas partilhas sociais ou impasses relacionais com o Outro.

Dessa forma, é preciso pensar a identificação para além do significante em sua carga afetiva para concepção de uma identidade, deve-se considerar que mesmo antes do nascimento, ou da descoberta de um novo ser, ele já está implicado em uma rede histórica e material de significantes. Essa trama canibaliza o ser e o faz se identificar em vida com termos que ele irá canibalizar e fantasiar serem oriundos de sua interioridade, como se não tivessem sido impostos a ele em uma conjuntura normativa. O laço social, portanto, tem de ser reimaginado como um campo de ontologias canibais, todas referidas ao Outro, por excelência, a goela do mundo, fazendo que os sujeitos vejam uns aos outros como uma outridade sem pessoalidade. Logo, coisifica-se e nadifica-se o semelhante na tentativa de ser a representação originária do traço unário, o suporte do significante.

Em vista disso, o trabalho em questão procura delinear novas formas de se compreender os processos identificatórios à luz da psicanálise lacaniana. Far-se-á um circuito teórico onde oposições e convergências ao pensamento desse teórico serão efetuadas a partir do prisma do canibalismo, termo que é repensado para além do cenário de barbaridades ao qual é remetido. Para isso, o uso de ontologias canibais será ilustrado a partir da sexualidade e do gênero, sendo essas instâncias da identidade o aporte representativo de tal locução

2. METODOLOGIA

O presente escrito foi realizado no formato de um ensaio teórico. Pensando nisso, debruça-se sobre a teoria psicanalítica de orientação lacaniana, principalmente no Seminário 9, A identificação, por encontrar nele um diálogo sobre o tema abordado. Também faz-se uso de uma compreensão dialética ao passo em que se entende o sujeito como um núcleo de ambiguidades que não corresponde unificadamente a uma identidade, sendo necessário inclinar-se continuamente para um movimento de transformação, seja das ideias ou da própria realidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo encontro entre indivíduos é demarcado pela disputa por reconhecimento, pois uma cena de enunciação é estabelecida quando endereçamos nosso discurso ao outro. As relações se dão por meio da identificação significante com o ideal de ser reconhecido, visto e escutado, ter a sua identidade narrada para além da reificação normativa. O desejo em sua fundamentação é desejo por reconhecimento (HEGEL, 2014).

Qualquer indivíduo antes da sua concepção é narrado pelos outros, sem que este tenha chances de corresponder ou não a algum nome. Mesmo o infante não pode recusar-se a responder pelo chamado que fazem de si por meio da palavra que lhe designa. Mesmo em períodos anteriores ao nascimento o ser é implicado em uma rede de significantes que ainda não lhe dizem respeito, ele é canibalizado por essa trama desejante, ela anseia a sua forma mesmo antes do sujeito se aperceber de si. O sujeito é efeito de um canibalismo pré-ontológico, ele é constituído por uma ideia abstrata a ele, com a qual ele é forçado a se identificar em primeiro momento, mesmo isso lhe causando repulsa. Essa identificação forçada o faz canibalizar a representação que fizeram dele, mesmo que esta não corresponda a sua interioridade, logo, aos aspectos de uma identidade em vertigem. Podemos localizar esse fenômeno nos corpos trans, os significantes

utilizados para narrá-los “não captam o corpo a que se referem” (BUTLER, 2015, p. 54). A teoria da identidade, do “idêntico a si” é refutada pela psicanálise, porém, ela ainda se equilibra sobre a convicção abstrata de que o sujeito identifica-se reciprocamente com aquilo que o significante lhe sugere, quando vivências de gênero e sexuais provam o contrário. A identificação e a identidade consistem também naquilo que o sujeito deve recalcar, fazendo-o mediar o impasse diante da diferença por não saber que imagem ou nome lhe traduzem em essência, resultando na canibalização de ontologias incompatíveis com a experiência individual, sendo essa “individualidade” um efeito do social, do comum.

Nota-se que por meio da iterabilidade são produzidas novas formas de uma mesma identidade, quando analisamos o contexto e os significantes implicados na complexa trama de compreensão e apreensão desejante. A identidade do sujeito atinge uma atualidade inalcançável de uma quase-totalidade coerente referente a causa elíptica da repetição (BUTLER, 2008). Para alguns deve-se ter na cadeia significante certa equivalência nos termos que resultarão na identificação. Isso pouco explica como pessoas LGBTQIAPN+ reproduzem um discurso de ódio que muitas vezes renuncia sua própria segurança, vulnerabilizando as possibilidades de resistência e sobrevivência. A teoria da identidade e hipóteses acerca da identificação na psicanálise são insuficientes para se compreender a formação da identidade, pois ainda flerta com a condição de totalidade, identifica-se ou não, como se o sujeito tivesse escolha em relação às identificações que sequestram a sua subjetividade.

A submissão do sujeito à linguagem é constitutiva frente a sua relação durante a infância com o Outro, sendo ele configurado muitas vezes pelo agente que coloca em ação a função terceira. Esse encontro planteia o desenvolvimento do inconsciente e a configuração do Eu. É ao direcionarem ao *infans* a fala que este neonato pode antecipar-se subjetivamente, acionando a adoção de uma posição correspondente aos domínios da linguagem que irão lhe alienar. Aqui fica manifesto que o olhar dirigido ao organismo implementa no mesmo o comparecimento de sua primeira assinatura frente ao Outro. Quando um corpo expressa uma sexualidade ou gênero oposto ao esperado pelas leis implícitas de sociabilidade ele é excluído e ridicularizado. Para evitar esse destino muitos sujeitos canibalizam termos que não fazem referência ao seu âmago, performando vivências alheias a sua identidade, para de alguma forma manterem-se no liame social sem serem desprezados. O paradoxo desse movimento é que para manter essa máscara o próprio sujeito deve desprezar aquilo que fundamenta e estrutura a sua individualidade parcial, abrindo mão do seu desejo por reconhecimento, pois o mesmo não tem coragem para confrontar a sua interioridade.

O significante quando canibalizado pelo sujeito pode ter inúmeros destinos. A ausência dele é a aniquilação instantânea do sujeito, o seu desejo por singularidade também, pois definha sistematicamente o encontro com o outro, acontecimento indispensável para uma nova forma de viver que subverte as estereotipias da normatividade. Ao desejar, o sujeito faz isso pela via do outro, “o desejo humano está inteiro exposto, no sentido mais profundo do termo, ao desejo do outro” (LACAN, 2009, p. 288), é no momento especular que o eixo de uma imagem pode ser identificado, é pelos olhos de quem se ama ou se detesta que o Eu percebe o mundo e a si (CHEMAMA, 1995). Logo, o sujeito é consequência dos inúmeros abandonos contornados pelos traços que ele canibaliza para idealizar uma identidade, pois em um momento acredita ser algo

que logo a frente irá declinar. O sujeito neste jogo deve oferecer-se às possibilidades do registro simbólico para circular na linguagem mesmo quando esta o transpõe, devorando-o.

4. CONCLUSÕES

Antes de nascermos já somos canibalizados pelo grande Outro, reproduzimos ao longo do tempo o que outros seres falam sobre nós. Devoramos insaciavelmente as realidades que estão ao nosso alcance, consumimos as injunções abstratas de uma pessoalidade estrangeira a nossa, para o processo de formação da sujeitade seja legitimada e amparada pelos ditames da civilização. Com isso, a conceitualização do canibalismo quando fazemos uma anatomia conceitual da teoria da identificação na psicanálise torna-se interessante para pensar a identidade na atualidade, assim como pensar o laço social, onde os vínculos são estabelecidos a partir dos significantes que consumimos a partir da imagem e da linguagem do outro.

Antes do nome do sujeito sugerir uma promessa ele já é devorado imaginariamente pela goela da civilização. O homem não está e não pode ser pensado de maneira isolada, a sua ontologia é uma mutação e efeito dos interstícios de uma linguagem em fragmentos, a sua identificação carrega em sua definição processos mais arcaicos, anteriores a sua existência. A sexualidade e a expressão de gênero são intrinsecamente afetadas pela racionalidade da contemporaneidade. Sujeitos que não contemplam a performance de uma vida normativa se veem canibalizados culturalmente pelo processo de adormecimento identitário. Outra possibilidade é a subversão da lógica ao canibalizarem os termos que irão reforçar sua identidade e direcioná-los para os domínios do amor, onde o vínculo social reforça a expressão de identidades ditas ininteligíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.
- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- HEGEL, G. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.229-337.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 1 – Os escritos técnicos de Freud [1953-54]**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LACAN, J. **O seminário, livro 9 – A identificação [1961-62]**. Inédito. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- LACAN, J. **O seminário, livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.